

A ilusão teórica no campo da comunicação

RESUMO

Este artigo compara o conteúdo de livros intitulados *Teoria da Comunicação* publicados por autores brasileiros nos últimos dez anos. O estudo mostra que há uma coincidência de apenas 23,25% a respeito dos modelos, teorias e autores considerados “teoria da comunicação”. Isso leva a dois outros problemas, a indefinição do objeto e a perspectiva interdisciplinar da epistemologia da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

comunicação
teoria
epistemologia

ABSTRACT

This paper compares the contents of Communication Theory books published by Brazilian authors in the past 10 years. Comparing the models, authors or theories presented as “communication theories”, there is a coincidence of only 23,35% of all theories presented in the books. This article also discusses two related problems: object indefiniteness and the interdisciplinary perspective of communication epistemology.

KEY WORDS

communication
theory
epistemology

Luís Mauro Sá Martino

Professor da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero/SP/BR
lmsmartino@uol.com.br

Uma forma possível de iniciar esta discussão beira o truísmo: existem livros de Teoria da Comunicação, bem como nos cursos superiores dessa área existe uma disciplina de mesmo nome, ocupando geralmente dois semestres. Portanto, deve haver algum tipo de conhecimento agrupado sob o nome de “Teoria da Comunicação”, que é ensinada e sobre o qual se publicam livros. A existência nos cursos de Comunicação de uma disciplina com esse nome torna razoável supor, também, que alunos tenham aulas dessa matéria e professores se preparem para lecionar. No entanto, uma análise comparativa dos livros que levam o nome dessa disciplina mostram que há pouco consenso sobre a noção. Isso indica que não existe um consenso sobre o que é teoria da comunicação. Um crítico apressado poderia concluir que os professores estão ensinando algo que ninguém sabe exatamente o que é.

No entanto, para além dessa ironia superficial, esconde-se um problema referente ao próprio *status* do campo da comunicação. “Não existe unidade conceitual nas bibliografias que costumamos qualificar de ‘comunicação’, e em cada território geográfico-cultural os estudos de comunicação assumem feições diferentes” (Felinto, 2007, p. 47).

O objetivo deste texto é delinear o que se entende por “teoria da comunicação” a partir do conteúdo das publicações recentes assim intituladas. Com isso é possível ter uma visão panorâmica dos problemas epistemológicos e históricos que perpassam o trabalho teórico. Pertencem ao *corpus* desta pesquisa os livros intitulados *Teoria da Comunicação* (ou *Teorias*) publicados por autores brasileiros nos últimos dez anos.

Não está em pauta, senão de maneira tangencial, uma análise das condições de produção e dinâmicas das forças em jogo para a definição do que é comunicação. A idéia não é observar o campo “de fora”, com a ilusão, tantas vezes cultivada, de ser o único indivíduo objetivado e capaz de ter uma visão panorâmica. Ao contrário, é justamente como participante do jogo – e, portanto, compartilhando dúvidas e questionamentos a respeito da prática teórica e docente – que se procura discutir algumas questões relativas à Teoria da Comunicação.

O estudo da teoria da comunicação evidentemente não se restringe às obras publicadas sob esse título. Aliás, seria possível dizer que a maior parte dos estudos assim reconhecidos não se agrupam sob essa rubrica. No entanto, o aspecto de sistematização – histórica ou classificatória – desses livros permite a compreensão, em uma visão externa e por isso mesmo mais abrangente, dos estudos específicos agrupados sob a rubrica “Teoria da Comunicação”.

O exame dos livros mencionados mostra dois problemas inter-relacionados, que de certa forma são reflexos, em menor escala, de problemas do campo e estruturam este texto. Em primeiro lugar, nota-se uma indefinição doutrinária a respeito de quais teorias são “da comunicação”, problema que remete à questão da autonomia e existência do campo. Será o tema da parte I. Essa questão tem suas raízes em duas questões metodológicas, vistas no item II: a indefinição do objeto, de um lado, e a idéia de um campo de estudos interdisciplinar, de outro. Para efeito de clareza, as citações dos livros pertencentes ao *corpus* estão em destaque no texto.

O problema doutrinário e a autonomia do campo

Em um estudo sobre os últimos cinquenta anos de pesquisa em Comunicação nos Estados Unidos, Bryant e Miron constata, com ampla base empírica, que “uma considerável porção das teorias da comunicação utilizadas na pesquisa são derivadas da psicologia e da sociologia, com importantes contribuições do direito e da política” (Bryant e Miron, 2004). Mais do que um aspecto “interdisciplinar” positivo, tal fato pode indicar para uma completa indefinição do que é uma teoria da comunicação – e, por extensão, uma falta de definição do objeto de estudos do campo da comunicação. Parece existir uma certa dificuldade em reconhecer a comunicação como “um campo do conhecimento possuidor de contornos próprios, voltado para a produção, difusão e consumo de bens simbólicos” (Melo, 1983, p. 7).

A autonomia do campo

A dimensão acadêmica de um campo do conhecimento tende a objetivar-se na produção de um conjunto doutrinário próprio, decorrente das pesquisas específicas na área e destinado a reforçar a importância específica desse estudo pela possibilidade do estabelecimento de um conhecimento que se legitima na prática auto-referencial (Lazar, 1992).

A grade curricular dos cursos de comunicação geralmente é dividida em uma parte teórica – “humanística” ou “cultural” – e um elemento técnico – “prático”. Sem entrar no mérito do precário equilíbrio existente entre essas duas vertentes, vamos nos concentrar na questão das disciplinas “teóricas”. Na maior parte dos cursos, a disciplina “Teoria da Comunicação” está ao lado de outras – que, em essência, não deixam de ser estudos teóricos da Comunicação, aumentando ainda mais a confusão a respeito do que seja “Teoria da Comunicação”. Qual a especificidade que a diferencia das outras disciplinas teóricas de um curso de comunicação? A princípio, se “Teoria da Comunicação” é de fato um campo interdisciplinar, então todas as disciplinas teóricas de um curso de comunicação são “Teoria da Comunicação”, e não faz sentido, portanto, mantê-la no currículo como disciplina isolada, uma vez que abrange – ou é engolfada – por todas as outras. Por outro lado, se existe uma especificidade dessa disciplina, é necessário

que ela seja amparada por um mínimo consenso relativo aos conteúdos e auxiliada por um suporte conceitual onde igualmente existam princípios comuns (Barbosa, 2002, p. 73).

Nesse sentido, Venício Lima aponta “uma relação inversa entre a expansão institucional da área e o desenvolvimento teórico. A comunicação passou a ser entendida e definida em termos das profissões e do espaço institucional que ocupa nas universidades e não de forma teórico-conceitual” (Lima, 1991, p. 160). Em outro texto, Lima destaca que a formação teórica em comunicação teve início a partir da aglutinação ao redor de práticas profissionais, de um lado, e necessidades políticas, de outro (Lima, 1983, p. 86).

A existência de produção bibliográfica sobre um assunto permite entrever, mesmo ao mais cético dos críticos, que o tema tem algum tipo de relevância. Sobretudo quando se pensa em uma disciplina controversa. A quantidade de livros é significativa, sobretudo quando se pensa no dilema epistemológico que envolve a própria legitimidade do campo.

Há entre as obras estudadas uma certa unidade formal: todos os livros começam com discussões a respeito das noções de “teoria”, “conceito” e “modelo”, além de, conforme o caso, digressões sobre o que é ciência e por que se pode falar em uma “ciência” da comunicação.

A proximidade das datas mostra a incorporação tardia ao campo da comunicação de um referencial teórico sistematizado. No corpo de dados deste trabalho, o primeiro livro escrito por autor brasileiro sob esse título, Pedro G. Gomes, data de 1997, quando os cursos de Comunicação já estavam regulamentados, desde 1969. Ou seja, quase trinta anos separam a elevação da Comunicação ao *status* de área acadêmica autônoma de suas primeiras sistematizações teóricas¹.

A partir daí é possível pensar em algo chamado “teoria da comunicação”.

O problema do referencial teórico

É preciso notar que o reconhecimento da existência de uma reflexão teórica sobre comunicação não significa, nem de longe, consenso sobre o que é Teoria da Comunicação – e os livros sobre o assunto deixam isso bem claro tanto nas afinidades quanto nas discrepâncias quanto às teorias, escolas e idéias que pertencem ou não à área. O livro de Costa, Siqueira e Machado deixa isso claro ao afirmar que: “a comunicação é um conceito amplo e complexo que pode ser estudado das mais diferentes formas e sob a luz das mais diversas perspectivas teóricas. Essa amplitude, no entanto, não a torna menos instigante – pelo contrário” (Costa, 2006, p. 7).

A questão doutrinária, assim, emerge claramente nos consensos e contradições a respeito de quais teorias – e vindas de onde – podem ser apropriadas para o estudo da comunicação e, em que medida podem ser efetivamente chamadas de “teorias da comunicação”. Não falta, inclusive, o reconhecimento prévio desta situação.

Livros intitulados Teoria da Comunicação

- Gomes, P. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2001. (primeira edição em 1997).
- Melo, J. M. *Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- Rüdiger, F. *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Paulo, Edicon, 1998.
- Polishuk, I. e Trinta, A. R. *Teorias da Comunicação*. Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- Hohfeldt, A. et alii. *Teorias da Comunicação*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- Costa, R. et alii. *Teoria da Comunicação na América Latina*. Curitiba, UFPR, 2006.
- Santos, R. A. *Teorias da Comunicação*. São Paulo, 2003.
- Martins, L. *Teorias da comunicação no século XX*. Brasília, Casa das Musas, 2005.
- Vitalba, R. *Teoria da Comunicação*. São Paulo, Ática, 2007.
- Ferreira, G. e Martino, L. *Teorias da Comunicação*. Salvador, UFBA, 2007.
- Martino, L. C. (org.) *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, Atel Editorial, 2007.

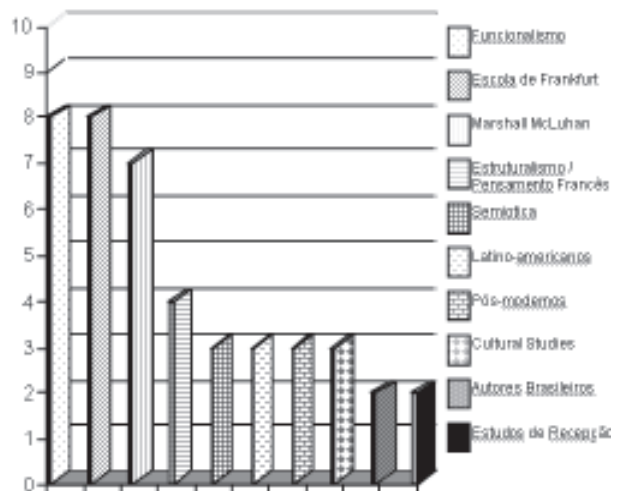


Figura 1: Livros intitulados Teoria da comunicação.

Para Luiz Martins,

é preciso, desde logo, advertir para o fato de que o campo da Comunicação é difuso quanto à sua natureza epistemológica. Tanto que pode ser recortado enquanto campo científico (ciências sociais aplicadas) quanto pode ser encarado como um conjunto de segmentos prático-corporativos, composto por profissionais de comunicação.

Nos vários livros há distinções entre “modelo”, “teoria” e “paradigma”. Na medida em que essas questões relativas à teoria da ciência fogem ao escopo deste trabalho, considera-se, para efeitos práticos, que sejam usados com o mesmo sentido de um conjunto relativamente organizado de idéias.

Por mais que números enganem, é talvez pertinente notar algumas proporções. Há um total de 43 autores/escolas/modelos apresentados como pertencentes à teoria da comunicação, dos quais apenas 10 são citados em mais de um livro. Um grau de coincidência de 23,35%. Dito de outra maneira, há menos de ¼ de consenso entre os livros intitulados *Teoria da Comunicação* a respeito dos problemas doutrinários de suas disciplinas. Cerca de ¾ são escolhas particulares de cada autor.

Os mais citados, em ordem decrescente, são:

Funcionalismo (8) - Escola de Frankfurt (8) - Marshall McLuhan (7) - Estruturalismo/Pensamento francês (4) - Semiótica (3) - Latino-Americanos (3) - Comunicação na pós-modernidade (3) - O modelo teórico dos *Cultural Studies*. (3) - Os autores brasileiros (2) - Estudos de Recepção (2).

Com uma única menção:

A Escola de Chicago e o interacionismo simbólico -

Modelo Crítico - Mead - Duncan - Pross - Comunicação e trabalho - Comunicação e linguagem - Enzensberger - Lucien Sfez - Pragmatismo lingüístico - Positivismo empírico - Teoria das materialidades em comunicação - Teorias dos Sistemas - Antonio Gramsci - Armand Matterlart - Cultura de massa e Folkcomunicação: os conceitos de Morin e Beltrão - Opinião pública: de Homero a Marx e de Gallup a Lazarsfeld - Comunicação, tradição e modernidade: as teorias de Lerner e sua aplicabilidade ao Brasil - Hipóteses contemporâneas de pesquisa: Agenda Setting e Espiral do silêncio - Modelo teórico-matemático da comunicação - Berlo - Schramm - O modelo teórico da proposição marxista - O modelo teórico da dependência - O modelo teórico neo-marxista - O modelo teórico-cultural - O modelo teórico da midiologia francesa - O modelo teórico-mediativo - Novos modelos teóricos da Comunicação - Paradigma horizontal-interacionista - A nova tecnologia da internet - O modelo teórico da virtualização - O modelo teórico-crítico da fissura tecnológica

As divergências entre as escolas teóricas citadas, bem como aos autores no interior de cada corrente mostram a indefinição do que é “Teoria da Comunicação”, bem como os tópicos consagrados e presentes no circuito de apreensão de métodos, modelos e conceitos. Essa disparidade fica visível, bem como as coincidências.

Assim, o Estruturalismo é apontado como corrente teórica da comunicação apenas no livro de Costa, Machado e Siqueira. O mesmo acontece com a chamada “Escola de Chicago”, mencionada apenas por Francisco Rüdiger. A perspectiva semiótica é estudada no livro de Pedro Gomes, mas não aparece em nenhum dos outros textos.

O Funcionalismo, a Escola de Frankfurt e Marshall McLuhan são citados como parte do campo da comunicação em 100% dos livros. São as unanimidades teóricas

entre as obras. Essa presença permite vislumbrar um dos elementos da fragilidade do campo: o consenso é a respeito de pensadores que, no caso do Funcionalismo e da Teoria Crítica, não se identificavam prioritariamente como “teóricos da comunicação”.

Esse problema se repete no tocante a outras teorias, cujo grau de presença não é tão alto. Várias das correntes teóricas apresentadas nos livros de teoria da comunicação – e, portanto, incorporadas *a priori* como tal – são oriundas de estudos de outras áreas que não a própria comunicação. O campo da comunicação se alimenta de teorias, conceitos e metodologias provenientes de outras áreas. A ausência de conjunto teórico própria é um dos indicadores da fragilidade – que alguns autores chamariam de riqueza – do campo. Os estudos de comunicação apresentados apropriam-se de teorias, métodos e conceitos da sociologia, da lingüística, da antropologia e da filosofia para a constituição de um *corpus* teórico próprio. Essa dependência de outros campos do saber mina, à primeira vista, a possibilidade de constituição de um estatuto epistemológico particular.

Vale notar que mesmo dentro da teoria crítica, no entanto, há algumas discrepâncias. Habermas é o único representante da Escola de Frankfurt estudado no livro de Francisco Rüdiger, está presente no livro de Costa, Machado e Siqueira mas desaparece no livro de Pedro Gomes.

Além da Teoria Crítica, Marshal McLuhan e Harold Lasswell são discutidos em todos os livros, embora em diferentes proporções. Outros estudos norte-americanos de comunicação ganham diferentes espaços. No livro de Rüdiger e Costa *et alli* há uma diferenciação maior entre escolas, autores e formulações teóricas. Já no livro de Pedro Gomes o Funcionalismo é colocado a partir de Lasswell. A perspectiva é crítica em todos os casos. Não há menções às novas tecnologias, exceto no livro de Ferreira e Martino.

Essa disparidade entre o que é ou deixa de ser pertencente à “teoria da comunicação”, seja como disciplina, seja como campo do conhecimento, área do saber ou qual outro nome se utilize é a parte mais externa do problema. Esse problema epistemológico, na base da questão doutrinária, será discutido a seguir.

O problema epistemológico

“As teorias da comunicação existem a despeito de todo e qualquer obstáculo colocado à sua definição. Cremos em sua existência e isso parece nos bastar” (Martino, 2007, p. 14). Destaca-se o uso da expressão “cremos” na frase. De fato, é possível pensar, seguindo uma tradição da sociologia fenomenológica, que a crença, aceitação plena e tácita da existência de algo por um grupo é uma das condições de existência de algo.

A idéia de apresentar a comunicação como sendo um “campo interdisciplinar de pesquisas” está presente na maioria dos livros, reforçando a dependência de teorias alienígenas bem como evitando a discussão sobre a possibilidade de um estatuto epistemológico próprio e,

mais ainda, deixa o caminho livre para a exposição de doutrinas de outras áreas uma após a outra, sem nenhuma solução de compromisso entre elas, mas apenas com a justaposição de modelos teóricos. Não por acaso, ainda em 1979, quando da definição de parâmetros curriculares para a comunicação, Lins da Silva questionava “a existência de tal teoria” (Lins da Silva, 1979, p.191). Um ano depois, o mesmo autor menciona o “incipiente estágio da reflexão teórica na área de comunicação” (Lins da Silva, 1980, p.167).

No mesmo sentido, Alberto Maldonado aponta a existência de um paradoxo entre o crescimento das pesquisas em comunicação na América Latina a partir dos anos 80 e o pouco desenvolvimento no debate das questões epistemológicas, teóricas e metodológicas (Maldonado, 2004, p.42).

Essa indefinição epistemológica se reflete na composição curricular dos cursos de comunicação e na razão de ser de sua existência. Desprovido das fronteiras da tradição que por vezes funcionam como garantia de legitimidade, o campo da comunicação é alvo constante de dúvidas sobre a necessidade de sua existência – a infundável querela sobre a necessidade do diploma para as habilitações é uma de suas faces visíveis.

A indefinição do objeto

O problema do objeto da comunicação pode ser dividido em duas vertentes. De um lado, os que vêem a Comunicação como um campo interdisciplinar sem objeto definido. De outro, como uma prática social. Essa pluralidade leva a questionar a existência de um “local próprio” à comunicação (Santos, 2005, p. 163).

De um lado, defende-se que o objeto é múltiplo, plural, e que a característica fundante da comunicação é justamente a inexistência de um objeto único. Assim, haveria um ponto de flutuação nas concepções sobre comunicação que teriam como elemento principal a multiplicidade. Assim, a singularidade da comunicação seria não ter singularidade. Ou, conforme caracterizam Trinta e Politshuk,

Aquelas proposições científicas que muitos têm chamado de *Ciências da Comunicação* compõe um conjunto de conhecimentos de ordem inter e pluridisciplinar em permanente processo de atualização, ao qual os teóricos da Comunicação recorrem para identificar, definir, conceituar, descrever e analisar a ação social do comunicador (Trinta e Politschuk, 2003, p. 26).

O outro ponto de vista é caracterizado pela tentativa de definir o objeto da Comunicação e encerra em si duas outras posições conflitantes. Qual é esse objeto? A opção comum é pelo estudos dos meios de comunicação de massa, sua produção, mensagem e recepção. No entanto, há também opções pela comunicação interpessoal e, em termos mais restritos, pelas aborda-

gens psicológicas da comunicação (Felinto, 2007, p. 43).

No que diz respeito a essa questão epistemológica, Rüdiger aponta o esvaziamento do conceito de comunicação por conta de sua amplitude.

No limite, a expressão não designa mais nada, transformando-se no simples rótulo, posto em um campo de estudos multidisciplinar para o qual convergem ou se confrontam os mais diversos projetos de pesquisa, mas do qual não se tem o conceito (Rüdiger, 1998, p. 10).

O livro de Pedro Gomes confirma esse fenômeno apontando que ao lado de um enfoque etimológico do conceito de comunicação, “outros são possíveis, o biológico, pedagógico, histórico, sociológico, antropológico, psicológico e estrutural” (Gomes, 1997, p. 13).

O tamanho do recorte necessário para a criação do objeto próprio de estudos também é apontado quando afirma que: “O ser humano está, é em comunicação. Existe uma interação e uma interdependência entre a comunicação e o homem no processo de mudança social e cultural. A comunicação é inerente à condição humana” (Gomes, 1997, p. 13).

O mesmo é apontado por Vilalba: “Como são os indivíduos e os grupos que comunicam? Quais são suas motivações? Quais são os dispositivos implicados no processo de comunicação e como são gerados? E, levando em consideração a amplitude desse processo, o que não seria comunicação?” (Vilalba, 2007, p. 9).

Rüdiger, nesse sentido, faz uma distinção metodológica clara em relação ao objeto do que seria “teoria da comunicação”. Ele designa o estudo específico das comunicações mediadas – os “meios de comunicação” –, associados à “mass communication research” ou “media studies” como “publicística”, em contraste com o que seria uma “teoria da comunicação”, interessada na interação entre seres humanos (Rüdiger, 1998, p. 11). Pedro Gomes parte da centralidade do conceito em sentido mais amplo. Em seu livro, antes de mencionar modelos e escolas, deixa a seu leitor a pergunta-chave que justifica o texto: “Por que estudar Teoria da Comunicação? Em primeiro lugar porque hoje, mais do que nunca, a comunicação social envolve o mundo. O domínio da informação torna-se imprescindível para o domínio do mundo” (Gomes, 1997, p. 8).

Essa visão é corroborada, de outra forma, por Rodrigo Vilalba:

Uma teoria da comunicação procura sistematizar hipóteses e estudos sobre as experiências e as realizações de um comunicador ou de um grupo de comunicadores. Igualmente, é aceitável declarar que uma teoria da comunicação se ocupa da definição dos dispositivos que viabilizam e influenciam algumas etapas ou todas as etapas da ação de comunicar: da organização mental necessária para a

transmissão de uma mensagem até a elaboração física, a transmissão e a recepção dessa mensagem – incluindo aí a criação, a operação e a manutenção dos meios materiais que permitem a existência da dinâmica comunicacional (Vilalba, 2007, p. 9).

No entanto, José Marques de Melo propõe uma divisão entre ciências da “informação” e da “comunicação”, alterando o foco do problema: “Ora, é certo que a comunicação constitui um processo de que a informação é um dos elementos; mas, o elemento fundamental. A informação é o objeto da comunicação” (Melo, 1998, p. 60).

Afonso de Albuquerque, em um trabalho sobre o assunto, pontua a questão também a partir da relação tecnológica. “Caso contrário, o campo de estudos da comunicação se confundiria com o das Ciências Sociais como um todo” (Albuquerque, 2002, p. 30). Essa indefinição do objeto remete a um problema decorrente: para um objeto múltiplo, múltiplos métodos e conceitos, múltiplas serão as análises e teorias (Rocha e Coelho, 1994, p.13).

Isso renova o paradoxo: por que existe uma disciplina chamada “teoria da comunicação”, se fazer “teoria” no campo da comunicação exige saberes oriundos de mais de uma disciplina? E, no entanto, por mais fronteiras que o campo demande serem quebradas, a disciplina – e os livros – permanecem, mostrando o aspecto de crença fundante dessa área. Assim, a idéia de ultrapassar as fronteiras serve ao mesmo tempo como pressuposto epistemológico e justificação política da realidade do campo.

A indefinição das fronteiras simbólicas

A apresentação do campo da comunicação como “interdisciplinar” parece ser quase um consenso entre as pesquisas na área. Torna-se, portanto, necessário entender um pouco melhor essa definição presente em várias discussões sobre a validade teórica e os limites epistemológicos da Comunicação. Conforme aponta José Marques de Melo,

Realmente, o processo da comunicação, como processo social básico, está inserido no objeto de todas as ciências sociais. Assim, por exemplo, a *Psicologia* estuda as intenções do comunicador, ou o comportamento do receptor, a *Sociologia* estuda os hábitos do receptor ou a credibilidade dos canais, o *Direito* estuda a estrutura normativa do comunicador institucionalizado, a *Antropologia* estuda os padrões culturais difundidos na mensagem (Melo, 1998, p. 63).

Um primeiro problema é a fluidez do conceito: uma pesquisa (inter-multi-trans) disciplinar refere-se efetiva a que tipo de procedimento? Se é a utilização de referências teóricas oriundas de vários campos, corre-se o risco

de usar métodos/ autores/ conceitos conflitantes. Além disso, prevê o domínio simultâneo de várias epistemologias, problemas teóricos e práticos. Se é o cruzamento de experiências, nem sempre o que é válido em um campo do saber é válido em outro. Assim, o conceito de “inconsciente”, crucial na psicologia, é pouco utilizado como explicação sociológica ou política.

Estudar a comunicação é, portanto, uma tarefa que exige rigor e sistematização tanto no campo teórico como no metodológico. Seu objeto (...) é interdisciplinar e tem despertado um interesse crescente em diversas áreas do conhecimento (Costa, 2006, p. 7).

Nesse sentido, talvez a possibilidade de se pensar a comunicação não como objeto mas como processo, como algo *acontecendo* e, portanto, um dos princípios básicos de interação humana, possibilite a abertura de novas fronteiras a partir das quais seja possível não mais pensar a comunicação a partir das práticas sociais, mas, ao contrário, pensar as práticas sociais a partir da comunicação, a partir de uma perspectiva estética da comunicação – tomando a palavra em seu sentido original grego – para compreender não mais “comunicação” como um ato acabado, mas o ato comunicacional, o ser-em-relação de Husserl (Husserl, 2006), a percepção (*aesthesis*) da realidade social a partir relações múltiplas do ato comunicativo (Marcondes Filho, 2005; Martino, 2007, p. 28 e Martino, L. M., 2007).

Conclusões práticas de uma indefinição teórica

A questão permanece em aberto, assim como o debate.

O problema da ausência de uma definição tem uma conseqüência na prática acadêmica: qual fronteira decide o que é um trabalho de comunicação? Na hora de solicitar um auxílio de pesquisa ou submeter um texto para avaliação, qual é o critério para classificá-lo entre os estudos de comunicação? Afinal, “boa parte daquilo que se publica em nossos periódicos de comunicação poderia, sem grandes dificuldades, ser catalogado dentro da área dos *cultural studies*” (Felinto, 2007, p. 45). O resultado é a crença compartilhada na interdisciplinaridade como marco de distinção das pesquisas deste campo (Barros Filho, e Martino, 2003, p. 230). No dizer de Moragas Spa, “Sociologia, Antropologia, Semiótica, Psicologia, Ciência Política, Economia, etc. seguem sendo instrumentos indispensáveis para uma teoria da comunicação que possa responder a complexidade de seu próprio objeto de estudos” (Moragas, 1997, p. 32).

Se tudo isso é teoria da comunicação, então os professores dessa disciplina precisam lidar com várias áreas do conhecimento, capaz de dar conta de todos os domínios mencionados, além de transitar entre diversas áreas, métodos e bibliografias. Em suma, ser o protótipo do humanista medieval, capaz de ir da física à metafísica sem ruptura. No entanto, no currículo dos cursos de comunicação existe uma disciplina específica chamada

“Teoria da Comunicação” – seja qual for seu método, doutrina e objeto ■ FAMECOS

NOTAS

¹ Vale assinalar a existência de um único livro anterior a 1997. É *Teoria da Comunicação: Ideologia e Utopia*, de Roberto Moreira. Escrito em 1979, insere-se na tradição crítica com a apropriação do repertório conceitual e analítico do marxismo filtrado pela Escola de Frankfurt para elaborar uma teoria da comunicação. O trabalho usa o conceito de ideologia como categoria de análise para compreender a mídia e efetuar uma leitura crítica dos veículos de comunicação de massa, foco principal do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. *Revista Fronteiras*. Porto Alegre, vol. IV, n. 2, dezembro 2002.
- BARBOSA, M. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: HOHFELDT, A. et alli. *Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BARROS FILHO, C. e MARTINO, L. M.S. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRYANT, J. e MIRON, D. Theory and Research in Mass Communication. *Journal of Communication*. Vol. 54, n. 4, december 2004.
- COSTA, R. M. et alli. *Teoria da Comunicação na América Latina*. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- FELINTO, E. Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G. e MARTINO, L. C. *Teorias da Comunicação*. Salvador: Ed. UFBA, 2007.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: LEMOS, A. et alli. (orgs). *Mídia.br*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- FRANÇA, V. R. V. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M. et alli. *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Idéias e Letras/PUC-RJ, 2004.
- FUENTES NAVARRO, R. La investigación de la comunicación en América Latina. *Comunicación y Sociedad*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, n. 36, julio-diciembre 1999.
- GOMES, P.G. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997.

- HUSSERL, E. *The shorter logical investigations*. London: Routledge, 2006.
- LAZAR, J. *La science de la communication*. Paris: PUF, 1992.
- LIMA, V. Profissões e formação teórica em comunicação. *Revista Intercom*. No. 62/63, 1991
- _____. Repensando as Teorias da Comunicação. In: MELO, J. M. (org.) *Teoria e Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983.
- LINS DA SILVA, C. E. Teoria da Comunicação. In: MELO, J. M. et alli. *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- _____. Indústria Cultural e Cultura Brasileira: pela utilização do conceito de hegemonia cultural. In: *Revista Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 25, julho 1980, p.167.
- LOCKER, Kitty. The Challenge of Interdisciplinary Research. *Journal of Business Communication*. Vol. 2, n. 31, 1994.
- MALDONADO, A. América Latina berço de transformação comunicacional no mundo. In: MELO, J. M. e GOBBI, M. C. *Pensamento Comunicacional Latino-Americano*. São Bernardo do Campo: Ed. Metodista, 2004.
- MARCONDES FILHO, C. Apresentação. In: LUHMANN, N. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.
- MARTINO, L. C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. et alli. *A Comunicação Revisitada*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. Interdisciplinaridade e Objeto de Estudos da Comunicação. In: FAUSTO NETO, A. et alli. *O Campo da Comunicação*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.
- _____. *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.
- MARTINO, L. M. *Estética da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MELO, J. M. Apresentação. In: MELO, J. M. (org.) *Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas*. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983.
- MELO, José Marques. *Teoria da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MERTON, R. K. *Social Theory and Structure*. New Cork: Free Press, 1957.
- MORAGAS, M. Las ciencias de la comunicación en la 'sociedad de la información'. *Revista Dia-Logos de la Comunicación*. N. 49, outubro 1997.
- ROCHA, E. *A sociedade do sonho*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.
- ROCHA, E. e COELHO, M. C. De projetos, armadilhas e objetos: notas em Teoria da Comunicação. In: FAUSTO NETO, A. et alli (orgs.). *Brasil: comunicação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- RÜDIGER, F. *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Paulo: Edicon, 1998.
- SANTAELLA, L. *Comunicação e Pesquisa*. São Paulo: Hacker, 2001.
- SANTOS, T. C. Teoria da Comunicação e suas interconexões com o corpo e com a cultura. *Comunicação Midiática*, n.6, 2006.
- _____. Teorias da Comunicação: caminhos, buscas e intersecções. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 28, dezembro 2005.
- TRINTA, A. R. e POLITSCHUK, I. *Teorias da Comunicação*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2003.
- TRIVINHO, E. *O mal-estar na teoria*. São Paulo: Quartet, 2003.
- VILALBA, R. *Teoria da Comunicação*. São Paulo: Ática, 2007.